

Nem todos conhecem Brasília

Cristian Renne Lapa*

Concebida originalmente para abrigar o funcionalismo público da nova capital, a cidade de Brasília, composta basicamente pelo Plano Piloto, representaria de modo ideal uma grande concentração de famílias de classe média. Uma visão mais realista do Distrito Federal, no entanto, não sugere um avião (ou uma borboleta, como insiste o urbanista Lúcio Costa), mas um castelo medieval de grandes proporções.

Dentro das muralhas encontramos o Poder, Federal e Distrital, e alguns servos, devidamente protegidos do mundo exterior. Separados pelas grandes distâncias, um sistema de transportes deficiente e o

alto custo de vida da capital – os quais costumavam funcionar como modernos fossos e pontes leva-

diças – classe média e baixa guardavam suas posições, mantendo um contato limitado.

Brasília foi sempre uma cidade bastante amigável à construção civil. Facilitada por sua juventude, modernidade e disposição de espaços a serem preenchidos, a atividade de construtoras e imobiliárias foi responsável pelo enriquecimento dos principais empresários da capital. Sendo uma atividade que, tradicionalmente emprega muita mão de obra, ajudou a manter a situação social estável por quase duas décadas. Muitos pioneiros ganharam seu espaço. Muitos operários empregados na construção da cidade adota-

ram a nova capital como lar. Para eles, havia espaço. Em separado, sim. Apartado, mas ainda um lugar para viver.

Mas a cidade cresceu. Inchou, para ser mais preciso. As distâncias físicas entre as cidades diminuíram, fazendo com que parte da população mais abastada se isolasse, aproximando-se ainda mais do “castelo”, ou do poder, e aumentando ainda mais a distância “social” entre os extremos. Desta maneira formaram-se ao redor das residências oficiais novas comunidades de classe média-alta. É interessante notar como esta idéia de proteção relacionada à proximidade do Poder também influencia na escolha de Brasília como “terra prometida” para o crescente número de migrantes.

A atividade de construtoras e imobiliárias foi responsável pelo enriquecimento dos principais empresários da capital

A população das satélites (as quais inicialmente teriam a função de

mitórios) aumentou mais que a oferta de mão de obra, resultado das migrações e de uma política limitada de desenvolvimento. A necessidade fez com que o habitante das “cidades-satélites” buscasse trabalho na capital. O empregador tradicional, reduziu a oferta de vagas para a mão de obra barata. O tempo passou, a cidade cresceu mais ainda, e as políticas públicas não acompanharam esse crescimento.

Qual é, afinal, a vocação de Brasília? Idealizada como um centro de poder, atrasou-se e tornou-se limitada na exploração de novas atividades produtivas. É eminentemente terciária, perdendo-se em atividades

comerciais e de serviços, nas quais o grau de crescimento corresponde diretamente ao poder aquisitivo da população, o qual certamente não aumenta na mesma proporção que a oferta de mão de obra. Não tem um poderio industrial sólido, nem uma produção agrícola significativa. As atividades de turismo são lucrativas, mas não grandes geradoras de emprego. Como na maioria das grandes cidades, desemprego e insatisfação, aliados a uma política de segurança limitada, geram convulsão social. Nos últimos meses, Brasília parece ter mudado seu endereço nos jornais da sessão de política para as páginas policiais.

As questões sociais na capital da República não são mais

graves que no restante do país. Pelo contrário: a cidade goza de uma qualidade de vida invejável.

Alarmante é a velocidade com que dela se aproxima a “realidade nacional”. Desde o início do ano a cidade vem sendo chocada pelo aumento da criminalidade em número e grau. Houve um crescimento considerável de homicídios no primeiro trimestre de 1998, acompanhando um aumento já impressionante a partir de março de 1997. Em três meses apenas a cidade testemunhou dois crimes hediondos de repercussão nacional, duas rebeliões, e um aumento em números de quase 50% em relação ao ano anterior.

Com a casa arrombada e em ano eleitoral, o governador Cristovam Buarque (PT) tenta

em uma semana implementar medidas que foram ignoradas por no mínimo quinze anos. Segurança, em Brasília, seria um exemplo digno de caos em matéria de políticas públicas não fosse o suporte (extremamente limitado) do Governo Federal. A situação é agravada por uma estranha aleatoriedade das ocorrências, verificada por relatório da Secretaria de Segurança do DF – que não encontra uma resposta lógica para um aumento no número de ocorrências muito maior que o crescimento populacional ou o avanço do desemprego na região de Brasília – e por uma incrivelmente inoportuna greve da Polícia Civil, iniciada dia 17 deste mês.

Remanejamento de policiais, iluminação pública, in-

A idéia de proteção relacionada à proximidade do poder influencia na escolha de Brasília pelos migrantes

tensificação das campanhas de desarmamento, fiscalização da venda de bebidas al-

coólicas, aumento do número de veículos à disposição da PM e um projeto de serviço policial voluntário, semelhante ao modelo do serviço militar obrigatório, são algumas das medidas adotadas pelo governo distrital para conter o aumento da violência. Sem um combate às causas socio-econômicas desta violência (ou de qualquer violência...) resta torcer pela eficácia da iniciativa do Governador do Distrito Federal. De troco, atingindo os resultados desejados, Cristovam fortalece sua posição na disputa por um segundo mandato.

* Aluno do sexto semestre do curso de Ciência Política na Universidade de Brasília